

2. Dogtown

o cara mais difícil da banda / porque os ricos não têm amigos / as esposas vão nos matar / U2 em nighttown / adam se expõe / primavera para bono

TUDO é MAIS FÁCIL em Dublin na primavera de 91. Pelo menos na área musical. Um dos efeitos colaterais de colocar a máquina U2 para funcionar outra vez é o estrago que causa na vida doméstica dos membros. Adam, um solteirão, não tem nada que o impeça de se comprometer com um longo tempo na estrada. Larry tem uma namorada de longa data chamada Ann Acheson, mas eles não têm filhos e ela tem sua própria vida e trabalho.

É diferente para Bono e Edge, cada um é casado há vários anos e têm filhos pequenos. Edge tem três filhas. Bono tem uma filha de dois anos e uma segunda a caminho. Suas esposas têm o direito de dizer que depois de colocar os casamentos de lado por meses ou mesmo anos para que o U2 pudesse conquistar o mundo, eles podiam ter esperado, agora que os objetivos da banda já haviam sido alcançados, para se estabelecerem numa vida familiar normal. Elvis Presley, os Beatles e Bob Dylan pararam de fazer turnês após atingirem o topo e se dedicaram a gravar álbuns e viver com suas esposas e filhos. O U2 agora está falando em lançar o novo álbum no outono de '91, sair em turnê pelos Estados Unidos e Europa na primavera de '92, voltar aos Estados Unidos no verão e outono de '92 se houver demanda, e então, se as coisas estiverem mesmo indo bem, mais uma turnê na Europa em '93. Ao voltar para Dublin com o álbum inacabado, eles têm à frente uma agenda de trabalho que fará com que eles coloquem suas vidas domésticas em espera pelos próximos três anos.

Há caixas dentro de caixas na organização U2 e o que acontece entre os membros da banda e suas famílias está na menor caixa de todas. Eu não sei o que finalmente o fez desencadear - e certamente isso não é da conta de ninguém - mas perto da Páscoa, Edge muda-se de sua casa e para longe de sua mulher, Aislinn. Ele se instala na casa de hóspedes de Adam e o trabalho no álbum continua.

“Eu poderia contar histórias de momentos em que cada um dos outros membros da banda estavam lá para me ajudar”, diz Edge no jantar em uma noite. “Quero dizer, houve períodos em que Adam e eu particularmente, não nos entendíamos, ao longo dos anos. Entretanto, quando eu deixei a Aislinn eu me mudei para a casa dele”. Edge, que raramente não consegue se expressar ou é sentimental, tem dificuldades em dizer as próximas palavras: “Eu suponho que os outros três são os amigos mais próximos que eu tenho”.

Pode ser difícil para qualquer pessoa de fora penetrar nessa amizade. E ninguém é tão restrito quanto a isso do que o cabeça dura do Larry Mullen.

“As pessoas dizem: ‘Por que você não dá entrevistas? O que você pensa sobre isso? O que você pensa sobre aquilo?’” Larry suspira. “O meu trabalho na banda é tocar bateria, subir ao palco e manter a banda unida. Isso é o que eu faço. No final do dia, isso é tudo o que importa. Todo o resto é irrelevante”.

Muitas pessoas neste planeta dizem que odeiam bobagens, mas ninguém odeia bobagens tanto quanto Larry Mullen Jr. A possibilidade de que ele possa de alguma forma adicionar

algo ao crescente montante de besteiras que ameaça submergir a nossa civilização com exageração e absurdo o aterroriza, tanto que ele fecha a cara e se cala ao primeiro indício de tapinhas nas costas, falsa sinceridade, agrados excessivos, puxação de saco, beijinhos no ar, admiração exagerada, amizades só de bons momentos, oportunismo, exageros, bajulação, lisonjas, pretensão, sorrisos falsos, carícias ao ego, lambe-botas, beijoquinhas, comportamento servil, falar besteiras, adulação, caça-fama, chamar a atenção, adoração a ídolo, estrelismo, ou paparicação. Cara, ele escolheu a profissão errada!

Bono diz que para Larry todo o mundo é culpado até provar o contrário - mas se ele te declara inocente, ele não só o deixará entrar na sua casa, mas o deixará dormir na sua cama.

Larry sempre foi difícil. Ele pode dar muita risada ao contar a história de quando eram crianças na véspera de Natal, ele e a irmã aborrecendo o pai dizendo: "Eu acho que ouvi o Papai Noel, papai! Eu acho que ouvi o Papai Noel!" Até que o coroa irritado respondia: "Não existe Papai Noel! Agora vão dormir!" Quando sua mãe lhe disse que ele não podia sair para tocar em bares com o U2, por ser menor de idade e ilegal, ele respondeu-lhe simplesmente que ele tinha de ir, não havia nada que discutir. E lá foi ele.

Larry efetivamente fundou o U2 na Mount Temple, a escola onde estudavam em Dublin quando ele convidou Dave Evans (Edge) para começarem uma banda. O comentário se espalhou e Paul Hewson (Bono), Adam e alguns outros garotos foram até a cozinha da família de Larry surrar suas guitarras e cantar músicas de outras bandas. Rapidamente a quantidade de membros foi diminuindo até chegar aos quatro personagens que são o U2 hoje. Edge era uns dois meses mais velho que Larry. Adam e Bono tinham mais de um ano em relação a ele. Com o seu cabelo loiro e bonitas feições, Larry parecia mais jovem que os outros. Ele parecia uma criança. Mas, Larry sempre era tão cabeça-dura, como um minotauro. Ele brincou que desistiu de ser o líder do grupo assim que conheceu Bono, mas que de alguma forma não definida ele continuou sendo o centro do U2 desde os tempos de escola até agora. E nem é por ele ser a consciência da banda: é mais por ele saber quem é cada um deles e o que cada um pode ou não se tornar, e ele nunca hesitará em dizer isso na cara de qualquer um deles. De alguma forma, ao definir isso, Larry acaba definindo o que o U2 é.

"O que fez o U2 sempre foi o relacionamento", ele diz. "O relacionamento não só tem sido pessoal, mas é também musical. Tem sido um entendimento. É clichê, mas as maiores influências do U2 sempre tem sido cada um de nós mesmos. Nós sempre tocamos juntos. Nós sempre tocamos uns contra os outros musicalmente. Quando viemos para Berlin estávamos inesperadamente, em diferentes níveis musicais e isso afetou tudo. As diferenças musicais afetaram as diferenças pessoais".

"É muito, muito estranho o mundo em que vivemos. Eu era muito novo quando a banda começou. Eu acabei fazendo isso por culpa de uma tragédia, de certa forma. A minha mãe morreu e eu entrei de cabeça na banda. Isso foi o estímulo. Na estrada, eu estava cercado por pessoas que eram mais velhas que eu e mais experientes do que eu. Eu tinha dezessete anos. Era virgem. Eu tinha dificuldades como qualquer adolescente normal".

"Quando você é um garoto e é jogado nisso, é muito difícil. Algumas pessoas lidam com isso melhor do que outras. Eu sinto que talvez eu seja menos afetado hoje do que os outros rapazes porque eu me apaixonei por isso. Eu amava isso quando era um garoto, mas então,

quando eu saí para a estrada em turnê foi tão difícil, eu simplesmente não sabia o que estava acontecendo, era muito complicado. Então, depois de acontecer um monte de coisas diferentes com o sucesso da banda, eu tomei uma decisão muito clara na minha própria cabeça de que isso é o que eu quero fazer e eu quero fazer isso com seriedade. Eu não quero mais ser apenas o baterista do U2. Eu quero realmente contribuir com algo diferente e fazer mais”.

Quando Larry diz que entrou de cabeça no U2 porque a mãe morreu (ela morreu num acidente de trânsito quando ele tinha quase 17 anos), ele está entrando numa história secreta do rock & roll. Perder a mãe enquanto ainda jovem é uma tragédia que Larry compartilha com John Lennon, Paul McCartney, Jimi Hendrix, Madonna, Sinéad O’Connor e Bono. Acrescente ainda Elvis Presley e Johnny Rotten, dois cantores muito achegados às suas mães que morreram logo depois que eles ficaram famosos e você tem uma ótima representação de um dos maiores picos no sismógrafo dos quarenta anos do rock & roll. Bono perdeu a mãe em 1974, quando tinha 14 anos. Ela desmaiou por culpa de um derrame cerebral no funeral do próprio pai e morreu logo depois.

Larry diz que ter esta perda em comum colocou Bono e ele mais próximos. “Havia uma conexão ali”, ele explica. “Ele entendia um pouco do que eu sentia. Eu era mais novo do que ele. Eu não tinha irmãos. O meu pai estava fora do normal, então Bono era a ligação. Ele disse: ‘Olha, eu entendo um pouco do que você está passando. Talvez eu possa te ajudar’. E ele ajudou. Nos bons e maus momentos ele sempre esteve ali para me apoiar. Sempre”.

“As pessoas pensam que a banda é uma unidade que está sempre junta. Nós brigamos e discutimos o tempo todo! Mas, eu tenho que dizer que apesar de tudo o Bono sempre esteve lá. E foi aí onde tudo começou, essa foi a conexão original. Quando eu estava realmente na merda, ele se disponibilizou para mim, ele estava por perto. Mesmo na estrada, quando eu estava passando por alguns momentos difíceis eu costumava dividir o quarto com ele. Ele simplesmente queria se assegurar de que eu estava bem”. De repente, Larry sorri e diz: “Era um pouco como uma babá, sabe o que eu quero dizer?”

Pergunto para o Larry como sua vida foi afetada por tornar-se rico.

“Foi só depois do Joshua Tree que começamos a ganhar dinheiro”, ele diz. Isso é uma surpresa – The Joshua Tree, que foi lançado em 1987 e vendeu 14 milhões de cópias, foi o quinto álbum do U2. Todo mundo achava que eles eram ricos muito antes disso. “Depois do Joshua Tree investimos muito dinheiro no Rattle and Hum. Então vimos muito dinheiro, mas não ganhamos nenhum. Ele foi investido no filme. Lembro-me de ter saído com cerca de 20 mil dólares. Este era o dinheiro que eu tinha quando voltei para casa depois da turnê do Joshua Tree. Houve mais depois. Lembro-me de ir até Waterford. Eu vinha economizando por anos para comprar uma Harley para mim. Essa foi a primeira coisa real, material que eu comprei na vida. O dinheiro começou a entrar muito, muito devagar. Não foi algo imediato. Não foi como se fizéssemos a turnê do Joshua Tree e alguém desse cinco milhões de dólares e dissesse: ‘Aqui está, filho, diverta-se’. Não teve nada a ver com isto, foi uma coisa muito lenta”.

Qual foi a reação dos amigos e familiares quando eles assumiram, talvez antes que fosse verdade: “Oh, o Larry é um milionário agora”? Todos esperavam que você puxasse o talão de cheques depois do jantar?

“Em parte”, ele diz. “Apenas recentemente isto se tornou algo importante, porque há publicidade sobre isto, muitas pessoas falam sobre isto. O que me incomoda é que as pessoas pensam: ‘Ei, veja, cem pila pra mim é um salário de duas semanas. Para você não é nada!’ Eu acho isso incrivelmente ofensivo. Isso é tirar conclusões precipitadas. É se aproveitar. Isso é a coisa que mais influencia o que sinto em relação a outras pessoas. Eu acho que há duas reações claramente diferentes. Há aquelas pessoas que dizem: ‘Eu não estou nem aí para o que você faz, eu pago a minha rodada, você paga a sua. Nós somos amigos. Eu não espero nada de você’. E há os outros. É difícil porque as pessoas com as quais você cresceu são geralmente pessoas que não têm nenhum dinheiro. Elas trabalham em bancos ou são eletricitas e elas não ganham tanto. Eu acho que elas deveriam ser responsáveis por elas mesmas e não se aproveitar. Acho que é uma falta de respeito com elas mesmas. Eu com certeza não as respeito”.

Pergunto ao Larry porque ele disse a Bono, durante a última turnê, que não gostou do que o U2 tinha se tornado.

“Tinha se tornado um trabalho muito sério, muito pesado. E simplesmente não era divertido. Não tinha nada a ver com música. Tinha a ver com levantar e ir trabalhar. Visto que nos encarregamos de muitos dos nossos próprios negócios, gastamos bastante tempo em reuniões. Sempre fizemos isso. No palco era bom, mas também era muito intenso e muito trabalho pesado. Você estava fazendo caretas porque estava estressado. Lembro de sair daquela turnê e sentir: ‘Se é assim que é, eu realmente não quero mais fazer isso, eu não posso mais fazer isso’”.

“Era apenas estressante em um nível musical. Acho que tínhamos percebido que não éramos tão capazes de nos conectar ao mundo de outras pessoas – como o do B. B. King – quanto esperávamos. E eu certamente achei que isso não tinha nada a ver comigo e com o lugar de onde eu vinha. Eu estou contente por ter tido aquela experiência, mas é só isso. Eu venho de um mundo diferente”.

Bem, eu digo, a temporada em Berlim não foi exatamente cheia de risadas.

“Não”, diz Larry. “De repente estava tentando desconectar daquele mundo diferente do Rattle and Hum e conectar-se a outro. Isso é muito difícil de fazer. Quando nos conectamos ao Rattle and Hum perdemos o contato com o lugar de onde viemos – que era tentar encontrar novos caminhos. Algumas pessoas foram mais rápidas em encontrar a rota do que outras, e isso causou uma tensão imensa na banda. Porque pela primeira vez na história da banda, não havia um consenso musical. Enquanto que no passado, apesar de talvez nem todos estarem de acordo, havia uma espécie de entendimento sobre o que estava acontecendo. Desta vez, não havia entendimento. Ninguém sabia que diabos o outro estava falando. Este foi o princípio de todos aqueles problemas”.

Tudo o que a banda estava atravessando foi colocado nas letras de Bono. É apenas nas últimas semanas antes da data marcada para o álbum ser entregue à gravadora que a maior parte dele se une. “A gente tende a gastar 90% do tempo em 30% do material”, Adam explica, “e o restante acontece incrivelmente rápido”.

O U2 traz seu antigo produtor Steve Lillywhite, bem como Eno, Flood e Lanois, e todos passam a trabalhar nas mixagens. Produtores diferentes fazem a mixagem das mesmas

músicas e então as apresentam para a banda, que escolhe uma (ou pior, escolhe certos aspectos de cada uma e pede a um dos exaustos produtores para combiná-las). O que surge é uma estranha justaposição de sons frenéticos (influenciado pela música techno, hip hop e outras tendências urbanas, mas enraizados em sólidas estruturas musicais) e letras introspectivas sobre a tensão entre a vida doméstica e o atrativo das aventuras do mundo exterior. A música, o próprio som, é tão cheio de vida e eletricidade que é fácil entender o que seduz o compositor para longe das suas responsabilidades em casa; a música expressa o quanto é divertido pode existir lá fora no mundo das boates, caixas de som, shows de rock e raves. As palavras podem revelar a culpa e a preocupação que atravessam a cabeça do cantor, mas a música mostra a diversão e a exuberância correndo através da sua corrente sanguínea.

A primeira música – “Zoo Station” – começa explodindo com um bombardeio de sons eletrônicos e distorções. A voz de Bono está tão fortemente processada, que mal soa humana. Se você se esforçar poderá entender o que ele está dizendo: “I’m ready, ready for what’s next.” [Estou pronto, pronto para o que vier].

A música materializa um ambiente como a Times Square ou o Piccadilly Circus às 11 da noite num sábado de julho. Cheio de puxões e empurrões, amostras de hip hop, altas discussões, imagens explosivas e guitarras gritantes. Algumas das letras de Bono soam como se fossem lidas de camisetas numa loja de souvenirs que fica aberta a noite toda (“Don’t let the bastards grind you down”, “A woman needs a man like a fish needs a bicycle”) [“Não deixe os bastardos te derrubar”, “Uma mulher precisa de um homem tanto quanto um peixe de uma bicicleta”], como se estivessem sendo recitadas por um homem naquele estado de uma noite de sobrecarga sensorial onde apenas se balbucia as frases que acabou de ouvir.

A personagem central que emerge nessa expedição através da perdição urbana é um homem arriscando sua segura vida doméstica ao atirar-se às tentações da noite. O álbum está cheio de uma romântica e espiritual angústia, das negociações feitas entre casais e das recriminações que eles lançam um ao outro quando esses acordos são quebrados. Neste contexto, quando Bono canta “We’re one, but we’re not the same” [“Nós somos um, mas não somos o mesmo”], soa mais como uma desculpa do que como um conforto.

Um bom efeito colateral do mau hábito de Bono de seguir mudando todas as suas letras até o último minuto é que quando ele finalmente grava os últimos vocais para um álbum há usualmente uma coerência narrativa em tudo. Seu antigo professor de inglês poderia te dizer que isso resulta numa coesão novelística. Certos membros do U2, que já não têm mais unhas sobrando, poderiam chamá-lo de o resultado de uma longa constipação intelectual que finalmente acaba numa diarréia verbal. Eu mesmo gostaria de dizer que neste caso isso resulta num metafórico álbum tendo a lua como uma mulher obscura que seduz o cantor para longe do seu amor virtuoso, o sol. No meio do Lado B, o cantor, caído na sarjeta numa vã tentativa de atirar os braços ao redor do mundo*, olha para cima e vê o sol nascendo. Ele pergunta, “How far are you gonna go before you lose your way back home?” [“Até onde você vai antes de perder seu caminho de volta para casa?”] Então, ele começa a restejar para casa, exausto, eufórico, envergonhado, satisfeito, e cuidando de um nariz sangrando.

* Atirar os braços ao redor do mundo é a tradução da frase “throw your arms around the world”, referência à música “Tryin’ to throw your arms around the world”.

Esse seria um lugar fácil para o álbum terminar, e no mundo de Andy Capp da maioria do rock & roll, aí é aonde geralmente vamos desvanecendo. O U2 não deixa seus ouvintes escaparem tão facilmente. A escuridão das dúvidas que eles criaram não pode ser exorcizada com uma noite na cidade. As últimas três músicas enfrentam a grande questão de como os casais começam a se reconciliar após o sofrimento que eles causam um ao outro. Em “Ultra Violet” o cantor suplica para que o seu amor ilumine o seu caminho para casa, apenas para descobrir que “o dia é tão escuro quanto a noite é longa” [“the day is as dark as the night is long”]. O casal rasteja junto para a cama, incapaz de dormir. Ele se maravilha com sua própria hipocrisia: “Eu devo ser um acrobata para falar assim e agir de outra maneira” [“I must be an acrobat to talk like this and act like that”]. Eles decidem que se eles não conseguem dormir, talvez eles consigam dizer os sonhos em voz alta e (aqui Bono cita Delmore Schwartz) “começar a ter responsabilidades” [“begin responsibilities”]. O álbum se encerra com a conclusão de que “o amor é cego” [“love is blindness”], incapaz de distinguir o dia da noite.

Esse é o U2 em Nighttown (Cidade Noturna), um raio X de quatro homens que passaram sua adolescência estando focados, sérios e devotos e que, ao alcançar os trinta, querem ver o que perderam. Havia uma música gravada em Berlim que não foi parar na sequência final, na qual Bono canta sobre querer “ver e tocar e provar tanto quanto um homem pode, antes de se arrepender” [“to see and to touch and to taste as much as a man can before he repents”]. A Nighttown criada por James Joyce em Ulysses era um mundo urbano e noturno que prometia conhecimento em troca de inocência. Ulysses era, entre outras coisas, uma paródia da Odisseia de Homero, com o herói lutando contra os demônios de sua alma em vez de monstros mitológicos na sua longa jornada de retorno à casa para a sua esposa. Esta viagem que o U2 tem a intenção de empreender está apenas começando. Não há maneira de dizer o quanto longe ela os irá levar ou se todos eles conseguirão retornar.

“Eu não acho que alguma vez eu tenha voltado para casa de uma turnê sendo a mesma pessoa de quando eu parti”, diz Bono. “Então, há sempre um momento onde as pessoas para as quais você volta se perguntam se você vai conseguir se dar bem com elas. Ou se elas vão te querer em casa. Eu tenho um coração itinerante. Quando eu tinha quatorze anos a minha mãe morreu. Eu vivi com o meu pai, e era uma casa, mas não verdadeiramente um lar depois disso. Eu sempre acabava dormindo no chão da casa dos outros. Então, em qualquer lugar que eu estou, estou feliz o suficiente. Eu provavelmente nunca voltaria para casa se não fosse o fato de eu ter uma família”. Bono pensa sobre isso um pouco e diz: “Acho que os problemas reais começam quando você volta, não quando você parte”.

O novo álbum será o primeiro do U2 desde que gravadora multinacional Polygram, uma divisão da companhia de eletrônicos multinacional Philips, comprou a Island Records, o selo com o qual o U2 tem contrato. A Polygram pagou algo em torno de 300 milhões de dólares pela Island, o que realmente significa – sabendo que a Island não tem nenhuma outra celebridade viva – que eles pagaram isso para ter o U2. A Polygram está planejando um grande empurrão para o primeiro álbum da sua banda superstar e eles precisam de alguma informação para fazer a bola girar para as campanhas de outono, tipo: O álbum tem um nome?

O U2 considerou o título Cruise Down Main Street, uma referência aos mísseis que cruzaram com tanta precisão através do centro de Bagdá e ao clássico Exile on Main Street, dos Rolling Stones. Eles falaram sobre intitular o álbum de Fear of Women (Medo de Mulheres) – mas o

rejeitaram porque certamente ia fazer a Polícia da Pretensão sacar seus revólveres. Eles estão determinados a não chamar a atenção para a seriedade das letras, para manter o olho da mídia na superfície brilhante. Tudo faz parte de erigir a máscara sobre a qual Bono falou, o falso rosto que protegerá o U2 do constrangimento de ficarem parados com o pinto à mostra. O que parece ser uma boa idéia! Que tal isso para a capa: uma grande fotografia do Adam parado, nu. A banda chama o fotógrafo deles Anton Corbijn e Adam, orgulhosamente, mostra a sua masculinidade para a câmera. Adam acha que se eles usarem isso para a capa deveriam chamar o álbum de Man (Homem) – a seqüência lógica do primeiro álbum, Boy (Menino). Edge acha que poderia ser mais divertido usar a foto do Adam nu e chamar o álbum de Adam, em tributo tanto ao seu baixista como ao primeiro mortal, Adão (que foi também o primeiro homem a ser expulso de sua casa em direção ao mundo cruel).

Há uma certa preocupação na Polygram quando eles ouvem rumores sobre uma capa de álbum com nudez. Eventualmente, o U2, incapaz de decidir dentre os muitos conceitos de capa possíveis de Anton para usar, decide usá-las todas: criar uma grande montagem com tudo, desde a foto do pinto do Adam até os retratos dos quatro membros da banda espremidos em um daqueles pequenos Trabants. Anton está um pouco angustiado com a ideia, mas não é o álbum dele. Para o nome, eles decidem por algo que nenhum crítico levaria a sério: Achtung Baby. É uma referência – usada frequentemente em Berlim pelo técnico de som do U2, Joe O’Herlihy – ao *The Producers*, o filme de Mel Brooks sobre uma dupla de sórdidos brincalhões teatrais que tentam organizar o maior fracasso de todos os tempos da Broadway com um musical chamado *Springtime for Hitler* [Primavera para Hitler].

O U2 acredita que nenhum crítico vai acusá-los de serem pomposos com um título daqueles! Embora este crítico pense que devido ao tema do álbum, sobre a fé e a falta de fé, Achtung Baby sugere o que Elvis Costello chamou de “fascismo emocional” – a ditadura da fidelidade.

“É um pouco fraudulento chamar o álbum de algo tão sem sentido como Achtung Baby”, Bono admite. “Porque debaixo daquela fina camada de lixo está sangue e entranhas. É um álbum muito pesado e carregado. É um álbum denso”. Ele sorri. “Eu disse a alguém que eu achava que este era um álbum denso (em inglês: dense) e espalhou-se por aí que estávamos fazendo um álbum dance”.

“Eu penso que os verdadeiros rebeldes dos anos noventa provavelmente não são os músicos, mas sim os comediantes. Os comediantes de stand-up. Porque eles conseguem fazer as pessoas rirem dizendo onde elas estão. Se as pessoas vêm você se aproximar com um cartaz elas simplesmente saem do seu caminho. O U2 tem de ser cuidadoso. E esperto”.

A propósito, em “*The Producers*” o contador desonesto que coloca em cartaz *Springtime for Hitler* chama-se Leo Bloom. Talvez o U2 tenha descoberto sem querer de que eles poderiam ser o mesmo Bloom que James Joyce enviou para Nighttown em *Ulysses*. Veja, se você ficar mudando de canal durante algum tempo, as suas sinapses continuam pulsando mesmo depois de a TV ser desligada.